

## Educação intercultural: uma perspectiva para a formação de professores na Guiné-Bissau

Joselino Guimarães \*

ORCID iD <https://orcid.org/0009-0002-1738-2909>

Gilvan Müller de Oliveira \*\*

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0003-3668-2616>

### RESUMO

O presente artigo discute a interculturalidade como meio sinérgico para trabalhar, através da formação de professores, uma atitude de resistência e de reconhecimento das realidades socioculturais, linguísticas e identitárias, historicamente, silenciadas na Guiné-Bissau, considerando o processo da colonização como um dos fundamentais fatores que viabilizam esse silenciamento. A partir das abordagens de Candau (2011) e de Mendes (2011), a pesquisa tem como objetivos entender como a educação intercultural pode servir como um exequível trilho para a formação dos professores de Língua Portuguesa e compreender como a interculturalidade pode contribuir na luta pelos direitos e pela igualdade no sistema educacional guineense. A metodologia utilizada focou a pesquisa bibliográfica, pois é o tipo de pesquisa que se realiza com o intuito de atualizar informação e conhecimento através de obras já publicadas referentes ao objeto que se pretende investigar. Como resultados, conclui-se que é imprescindível que sejam implementados no debate, em diferente camada social, sobretudo na formação de professores, assuntos voltados ao reconhecimento das diferenças que compõem o mosaico linguístico e cultural guineense como valores que precisam ser articulados.

### PALAVRAS-CHAVE

Interculturalidade; Formação de professores; Guiné-Bissau.

### Intercultural education: a perspective for teacher training in Guinea-Bissau

### ABSTRACT

This article discusses interculturality as a synergistic means of working, through teacher training, towards an attitude of resistance and recognition of the sociocultural, linguistic and identity realities that have historically been silenced in Guinea-Bissau, considering the process of colonization as one of the fundamental factors that make this silencing possible. Based on the approaches of Candau (2011) and Mendes (2011), the research aims to understand how intercultural education can serve as a feasible path for the training of Portuguese language teachers and to understand how interculturality can contribute to the fight for rights and equality in the Guinean educational system. The methodology used focused on bibliographical research, as this is the type of research that is carried out in order to update information and knowledge through works that have already been published in relation to the object that is to be investigated. As a result, it was concluded that it is essential that issues related to recognizing the differences that make up the Guinean linguistic

---

\* é graduado em Letras-Língua Portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab e mestre em Língua e Cultura na Universidade Federal da Bahia – UFBA. E-mail: [jose77lino@gmail.com](mailto:jose77lino@gmail.com)

\*\* graduação em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas; mestrado em Linguística Teórica, Filosofia e História pela Universidade de Konstanz; doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas em 2004; pós-doutorado pela Universidade Autônoma Metropolitana Iztapalapa, no México, com Rainer Enrique Hamel. Atualmente, é docente da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: [gimioliz@gmail.com](mailto:gimioliz@gmail.com)

and cultural mosaic are implemented in the debate, in different social strata, especially in teacher training, as values that need to be articulated.

#### **KEYWORDS**

Interculturality; Teacher training; Guinea-Bissau.

#### **MUHTASARI**

Makala haya yanajadili utofauti wa tamaduni kama njia shirikishi ya kufanya kazi, kupitia mafunzo ya ualimu, mtazamo wa kupinga na kutambua hali halisi ya kitamaduni, lugha na utambulisho, kihistoria, iliyonyamazishwa nchini Guinea-Bissau, ikizingatiwa mchakato wa ukoloni kama moja ya sababu za kimsingi zinazoweza. ukimya huu. Kulingana na mikabala ya Candau (2011) na Mendes (2011), utafiti unalenga kuelewa jinsi elimu baina ya tamaduni inaweza kutumika kama njia mwafaka ya kuwafunza walimu wa lugha ya Kireno na kuelewa jinsi tamaduni mbalimbali zinavyoweza kuchangia katika kupigania haki na usawa nchini. mfumo wa elimu wa Guinea. Mbinu iliyotumika ililenga utafiti wa kibiblia, kwani ni aina ya utafiti unaofanywa kwa lengo la kusasisha habari na maarifa kupitia kazi zilizochapishwa tayari zinazohusiana na kitu kinachokusudiwa kuchunguzwa. Kama matokeo, inahitimishwa kuwa ni muhimu kwamba maswala yanayolenga kutambua tofauti zinazounda mosaic ya lugha na kitamaduni ya Guinea yatekelezwe katika mjadala, katika matabaka tofauti ya kijamii, haswa katika mafunzo ya ualimu, kama maadili yanayohitaji kutekelezwa. kuelezwa.

#### **MANENO MUHIMU**

Utamaduni; Mafunzo ya walimu; Guinea Bissau.

#### **Introdução**

A Guiné-Bissau é um país caracterizado por ricas diversidades cultural e linguística, estando situado na costa ocidental africana e sendo marcado por sua história como ex-colônia portuguesa. Nesse sentido, ostenta-se uma profunda pluralidade com mais de 20 línguas étnicas, sendo o idioma guineense a língua da unidade nacional e o português consagrado como a língua oficial, além das outras línguas estrangeiras. Tal riqueza está a ser silenciada através do modelo de ensino que privilegia uma única língua-cultura nas escolas guineenses.

Diante desse cenário, o presente artigo discute a interculturalidade como uma perspectiva a ser adotada para a formação do corpo docente na Guiné-Bissau, entidade que lida diretamente com essas diferenças, como uma forma de fazer face à mazela verificada no sistema educacional. A pesquisa objetivou entender como a educação intercultural pode servir de um exequível trilho para a formação dos professores de Língua Portuguesa e compreender como a interculturalidade pode contribuir na luta pelos direitos e pela igualdade no sistema educacional guineense. Desse modo, os debates verificados nas escolas contemporâneas sobre as questões da exclusão social, embora em uma fase embrionária, devem fazer-se presentes na formação dos professores de Português na Guiné-Bissau, já que se trata de uma questão muito complexa que afeta o cotidiano nas salas de aula e no trabalho dos docentes.

Em diferentes esferas educacionais, observa-se a confluência de uma realidade marcada pela heterogeneidade de línguas e culturas que constituem o tecido social do país. Essa conjuntura faz jus a uma ponderação por parte dos docentes, incitando-os a reconhecerem e a atribuírem devida estima às múltiplas expressões culturais ali presentes. A partir desse contexto, emerge a necessidade premente de uma enérgica defesa ao reconhecimento das culturas marginalizadas e rotuladas no sistema educacional guineense, como um imperativo para a promoção e a valorização das diversidades linguísticas e culturais latentes.

As reflexões procuram apresentar as inquietações dos professores e o desafio que devem assumir, pautado pelo princípio de igualdade e de respeito às diferenças existentes no ambiente escolar. Nesse viés, nota-se que os professores nem sempre estão preparados para dar uma resposta acrescida a essas questões, uma vez que suas formações os preparam para atuar na promoção de uma única língua-cultura nas salas de aulas, de acordo com Candau (2011). À vista disso, é salutar a presença de discussões relacionadas à interculturalidade na formação de professores como uma questão benéfica à sociedade guineense, visto que traz o seu caráter multicultural, em que, conforme Candau (2011, p. 241), “diferentes grupos socioculturais conquistam maior presença nos cenários públicos”, de modo a integrar e a socializar a pluralidade cultural na escola.

Segundo Arroyo (2017), essa atitude de luta pelo reconhecimento faz-se quando a parte minoritária toma consciência de que a sua identidade foi excluída na tentativa de impor uma única língua-cultura como modelo único a ser seguido, apesar das várias línguas e culturas existentes. Nesse sentido, Fleuri (2003) afirma que, por meio do processo da colonização, a cultura europeia passou a ser tida como a mais racional e valiosa, de maneira que as outras línguas, culturas e identidades são silenciadas e eliminadas em detrimento dela. Esse processo de colonização foi cúmplice da segregação e da exclusão sociocultural vista em todas as esferas sociais, de forma que, para Missiatto (2021), a contar desse momento, todas as pessoas que não se ajustavam ao sistema europeu eram excluídas e postas à margem da sociedade, sendo consideradas como despojadas de civilização.

Haja vista a defrontação com o comportamento violento do colonizador, que olhava as diferenças como uma desigualdade, o dinamismo de luta pelos direitos deve ser feito por meio de coletivos sociais, ou seja, as classes subalternizadas precisam se mobilizar e se militarizar contra as mazelas e as segregações sociais (Arroyo, 2017), mobilização essa em que os docentes têm um papel precípua por serem uma entidade que lida

diretamente com as diversidades linguísticas e culturais nas escolas. A respeito disso, Coppette (2012) defende que o problema da estrutura social só pode ser compreendido mediante a conscientização das pessoas, o que pode ser alcançado por meio da educação intercultural. Dessa forma, o diálogo entre as diversidades culturais é um elemento fulcral para sobrelevar a luta, devendo ser desencadeado por meio da educação intercultural, uma grande paliativa do processo emancipador e conciliador das diferenças.

Diante disso, a formação de professores, na perspectiva intercultural, é importante para construir o sentimento de resistência no corpo docente e nos alunos que fazem parte dos grupos socialmente apagados, já que a interculturalidade nos conduz à valorização das culturas e das identidades socialmente silenciadas durante e após o processo de colonização. Isso ocorre porque o fim formal da colonização não se configura como o fim da colonização na prática, já que ela tem uma forte influência na formação e na estruturação de cada sociedade. Por conseguinte, verifica-se um comportamento de subalternização de certas camadas sociais.

Sob essa perspectiva, a relevância dessa pesquisa constitui-se em trazer a consciência da sociedade acadêmica guineense de que, assim como para Candau (2011), a interculturalidade é o encontro das diferentes realidades nos recintos escolares, marcados por conhecimentos, experiências e vivências diferentes. Nesse sentido, há uma necessidade de apetrechar professores mediante as abordagens focadas na educação intercultural, para que esses possam participar com eficiência na fomentação das políticas voltadas à conscientização e à valorização do outro. Conquanto educar para a interculturalidade não seja um processo fácil, pois há sempre inúmeras vicissitudes, é importante implementá-la para estabelecer um entrosamento entre língua-culturas. Logo, com a concepção da interculturalidade, as estruturas pedagógicas e administrativas, bem como os professores e as organizações escolares irão remeter-se ao reconhecimento e à valorização das demais culturas nas escolas, trabalhando para ressaltar as suas interligações.

Apesar disso, a problemática em análise refere-se ao questionamento de como a interculturalidade pode fazer com que os professores participem da luta pela aceitação das diferenças socioculturais guineenses. Para a realização desta averiguação, optou-se pela pesquisa bibliográfica, que, segundo Tozoni-Reis (2009), é um tipo de pesquisa que se insere no âmbito acadêmico com desígnio de requintamento e de atualização da informação e do conhecimento, por meio da investigação científica de obras já publicadas. Ainda de acordo com Tozoni-Reis (2009), esse tipo de pesquisa é um campo em que os

dados alcançados são considerados a bibliografia referente ao assunto que se pretende investigar. Dessa maneira, as informações utilizadas neste trabalho científico, foram obtidas na internet e em livros impressos. O artigo estruturou-se em três partes, a saber: primeira parte, introdução em que configura os objetivos, justificativas e metodologia utilizada; a terceira discussão teórica, quarta e a última considerações finais.

### **1. Educação Intercultural: uma perspectiva para a formação de professores de Português na Guiné-Bissau**

O debate voltado para as diversidades culturais e linguísticas tem sido o centro de atenção dos diferentes grupos sociais. Nesse contexto, os direitos e o reconhecimento das diferenças só podem ser alcançados por intermédio da tomada de consciência pela parcela populacional marginalizada e excluída durante longo processo histórico (Arroyo, 2017). A essa classe que foi inferiorizada na perspectiva da sua inserção na sociedade, resta somente seguir o padrão eurocêntrico predefinido, pois, durante a história, o modelo hegemônico de exclusão e de dominação perpetuou-se dentro do círculo de estigmatização. Esse grupo carregou um fardo, criado com o desígnio de desprestigiar certas culturas, algo que desembocou na desigualdade e na segregação social, conforme Missiatto (2021). De acordo com Moita Lopes (2002), a responsável pela atitude de eliminação do outro é a classe dominante que se considerou ser detentora dos princípios, dos valores, dos meios e da capacidade de assumir o topo da sociedade e de servir como paradigma.

Educação intercultural é, portanto, uma perspectiva educacional crítica de ensino que leva em conta as diferenças e as pluralidades socialmente distintas com a finalidade de oportunizar e de valorizar todas as diversidades em contextos educacionais. Ademais, é um meio para apetrechar indivíduos para serem capazes de assumirem e cumprirem com o seu papel na construção de uma sociedade democrática, justa e igualitária. Segundo Candau (2008), a educação intercultural é:

[...] uma perspectiva alternativa e contra-hegemônica de construção social, política e educacional, sendo complexa por estar atravessada por tensões, tornando necessária a problematização das diferentes práticas sociais e educativas (Candau, 2008, p. 2).

A autora refere-se a uma atitude que nos conduz à reconstrução e à valorização das identidades invisibilizadas na sociedade, com o fito de incentivar a igualdade, por meio da inserção de pessoas de distintas realidades socioculturais e de uma formação a

partir da abordagem de temáticas direcionadas à incorporação dos diferentes sujeitos presentes no ambiente escolar. Dessa maneira, a educação intercultural só pode acontecer quando os docentes começam a refletir e vivenciar as realidades dos alunos como multirrealidade Candau (2008). Nesse sentido, a autora defende que a educação intercultural não poder ser limitada,

Em algumas situações e/ou atividades realizadas em momentos específicos, nem focalizar sua atenção exclusivamente em determinados grupos sociais. Trata-se de um enfoque global que deve afetar todos os atores e todas as dimensões do processo educativo, assim como os diferentes âmbitos em que ele se desenvolve. No que diz respeito à escola, afeta a seleção curricular, a organização escolar, as linguagens, as práticas didáticas, as atividades extraclasse, o papel do/a professor/a, a relação com a comunidade etc. (Candau, 2009, p. 170).

Mendes (2011) ratifica essa afirmação, dizendo que a educação intercultural não se restringe a mero processo de ensinar, mas é um insumo imbricado que precisa ser observado, pois envolve o uso dos materiais didáticos, dos planos de aula, das políticas linguísticas, do planejamento dos cursos, da formação dos professores e do ensino de línguas. Ainda de acordo com Mendes (2011), a educação intercultural é uma educação que se enquadra no contexto real do aluno e procura compreender o seu modo de ser e de viver, sendo um modo de educação sensível. É sensível porque respeita as diferentes culturas e, por isso, democratiza o ambiente escolar. As duas autoras mostram a imprescindível necessidade de haver uma mudança no sistema educacional, a começar pela formação dos gestores escolares e dos professores, de modo a garantir-lhes uma consciência que permita criar e promover uma convivência equilibrada entre diferentes grupos sociais.

Considerando o papel que a escola tem na sociedade, a educação dos alunos não deve balizar-se na transmissão dos conteúdos, mas deve prepará-los para compreenderem o quadro social da sua realidade. Com isso, eles poderão lutar pela melhoria das condições e pela justiça social. Sendo assim, os professores devem ser movidos por essa consciência de que o objetivo da escola é formar pessoas conscientes em relação à sua conjuntura social.

O caminho a ser construído deve ter como base o fazer com que todos os diferentes mundos tenham lugar no sistema educativo como parte integrante desse processo de relação entre pessoas e de práticas pedagógicas. Essa forma de atuação faz com que os educandos saibam respeitar e valorizar as diferenças na sala de aula.

Segundo Candau (2009), isso irá contribuir para a construção de uma sociedade mais humanista, democrática e plural, em que a política de igualdade e de respeito à identidade será prioridade. Para Fleuri (2002, p. 12):

[...] a perspectiva intercultural implica uma compreensão complexa de educação, que busca – para além das estratégias pedagógicas e mesmo das relações interpessoais imediatas – entender e promover lenta e prolongadamente a formação de contextos relacionais e coletivos de elaboração de significados que orientam a vida das pessoas.

De acordo com os argumentos do autor, a perspectiva intercultural conduz o ser humano a ter uma percepção mais ampla da sua realidade e das outras realidades, de modo a poder respeitá-las e contribuir para que haja um intercâmbio e uma convivência sem estigma e exclusão.

As escolas, atualmente, estão carregadas das marcas políticas dos colonizadores, em que todos são vistos e tratados de forma homogênea. Tendo em vista tal panorama, o trabalho que precisa ser desenvolvido nas escolas atuais é de criar condições didáticas para viabilizar uma atuação que leve em conta as diversidades sociais e culturais, de forma que todas as pluralidades sejam beneficiárias do mesmo ambiente. Candau (2011) afirma que uma iniciativa dessa faz com que todos sigam para a construção e a concretização de um ambiente escolar mais democrático e justo, onde será promovida a igualdade sem que nenhuma realidade social seja preterida pelo sistema:

Dimensão cultural é intrínseca aos processos pedagógicos, está no chão da escola e potencializa processos de aprendizagem mais produtivos, na medida em que reconhece e valoriza a cada um dos sujeitos neles implicados, combate todas as formas de silenciamento, invisibilização e/ou inferiorização de determinados sujeitos socioculturais, favorecendo a construção de identidades culturais abertas e de sujeitos de direito, assim como a valorização do outro, do diferente, e o diálogo intercultural. (Candau, 2011, p. 254)

Nessa perspectiva, os docentes devem ser formados e capacitados para que saibam atuar de uma forma mais ativa com as diferenças, com o intuito de nivelar e de elucidar as diversas culturas e realidades como riquezas que precisam ser articuladas. Por esse motivo, Serpa (2011) afirma que é urgente pensar profundamente num modelo de escola,

[...] que seja fruto não de um projeto iluminado, de modelos importados, ou de soluções miraculosas. Mas uma escola tecida por uma rede de saberes, onde o aprendizado não seja apenas um objetivo final a ser alcançado, mas o próprio percurso percorrido. Defendo uma escola pensada não para sujeitos, mas pelos sujeitos. Sujeito que não vive e que não narra sozinho,

mas que traz consigo – e em si – as muitas vozes e suas experiências que narram também. (Serpa, 2011, p. 155).

A partir disso, o autor reforça a importância de desobstruir a participação ativa de todos os sujeitos como uma forma democrática na estruturação da escola. Com esse intuito, é imprescindível criar condições que permitam e promovam o diálogo entre as diversidades presentes nas escolas. Para Serpa (2011, p. 165):

[...] desqualificar o outro, sua voz, seus saberes, seus conhecimentos, sua percepção do mundo, esvazio qualquer sentido que possa existir na defesa do diálogo. Esvazio qualquer sentido que possa haver na palavra “democracia”. Esvazio qualquer sentido [...] que tenha a diferença como valor. Diferença entendida aqui como este profundo respeito e consciência da existência do outro da legitimidade de seu lugar no mundo, respeito que me permite, mesmo no conflito, mesmo na disputa, instaurar um espaço de negociação, ouvir o outro, e neste processo, ouvir-me através do outro.

O papel das escolas é, então, romper com a rotulação das pessoas e fazer prevalecer o respeito a todos os valores socioculturais no ambiente escolar. Dado isso, é fundamental desenvolver ações pedagógicas que contribuam para a promoção das diferenças sociais. Outrossim, é necessário lutar pelos direitos e fazer com que não haja atitudes e comportamentos preconceituosos e discriminadores ao perfil que não se alinha com o sistema eurocentrismo nesses espaços. Segundo Candau (2011, p. 253):

[...] professoras e professores de didática e das demais disciplinas dos cursos de formação destes profissionais também estamos desafiados a trabalhar nesta direção, não somente teoricamente, mas incorporando esta perspectiva nas nossas próprias práticas pedagógicas.

Logo, as escolas devem assumir a perspectiva intercultural como forma de criar pontes e de promover espaços de diálogo entre as diferenças, de democratizar e de privilegiar todas as culturas. As discussões interculturais na formação dos professores produzem e incentivam a luta contra atitudes hegemônicas e defendem a promoção da igualdade, por meio de diálogos entre sujeitos de diferentes realidades socioculturais, sem nulificar cada especificidade. Dessa forma, criam-se condições de reconhecimento para as partes excluídas ao longo da história como sujeitos ativos que podem participar da luta pela aceitação.

### **Considerações finais**

As escolas guineenses estão inseridas dentro das diversidades culturais e linguísticas que compõem o país, marcadas fortemente pelo comportamento das desigualdades e das exclusões. Devido a essa realidade, é fundamental que a educação

intercultural seja introduzida no debate em diversos âmbitos sociais, como forma de construir um ambiente igualitário e uma educação de qualidade. Além disso, deve-se proporcionar um currículo na perspectiva intercultural que trabalhe a formação de professores voltada ao reconhecimento das diversidades culturais, visando a desafiar e a desestimular o preconceito contra as línguas-culturas extintas nas escolas.

Nesse sentido, ter a educação intercultural como um processo que olha para as diferenças como uma riqueza que precisa ser articulada com o objetivo de promover um ambiente democrático e igualitário é um elemento a nortear a formação dos docentes, devido às suas estreitas ligações com a heterogeneidade na sala de aula e ao fato de ser uma entidade pertencente à classe marginalizada. Por isso, trabalhar com as diversidades deve ser um propósito para as escolas de formação, procurando atuar de forma ativa com a diferença, seguindo a perspectiva de criar condições para o diálogo que promova e incentive a valorização de cada realidade.

Portanto, a formação dos docentes na Guiné-Bissau deve seguir a perspectiva intercultural, abrindo espaço para discussões referentes à interculturalidade e, sobretudo, criar nos professores um sentimento sensível às diferenças, promovendo a luta pelo respeito. Dessa maneira, será possível fazer com que o ambiente escolar seja interativo, no qual as ligações dinâmicas das culturas e das identidades aconteçam sem nenhuma obstrução, facilitando, assim, a organização de ações contra a desigualdade.

## REFERÊNCIAS

- ARROYO, M. G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- CANDAU, V. M. **A diferença está no chão da escola**. In: Colóquio Luso-Brasileiro Sobre Questões Curriculares, 4. e colóquio sobre questões curriculares, 8., 2008. Anais... Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.
- CANDAU, V. M. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. In: CANDAU, V. M. (Org.). **Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 154-173.
- CANDAU, V. M. **Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas**. Currículo sem Fronteiras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 240-255, 2011.

- COPPETTE, M. C. **Educação Intercultural e sensibilidade**: possibilidades para a docência. 2012. 593 f. Tese (Doutorado) – Curso de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- FLEURI, R. M. (Org.). **Intercultura**: estudos emergentes. Ijuí, RS: Unijuí, 2002.
- FLEURI, R. M. Intercultura e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 16-35, 2003.
- LOPES, P. da M. (2002). **Identidades fragmentadas**: a construção de raça, gênero e sexualidade na sala de aula. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- MENDES, E. O português como língua de mediação cultural: por uma formação intercultural de professores e alunos de PLE. In: MENDES, E. (org.) **Diálogos Interculturais**: ensino e formação em português língua estrangeira. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011. p. 137-158.
- MISSIATTO, L. A. F. **A colonialidade nas políticas ambientais do governo Bolsonaro e a inversão dos órgãos de defesa do meio ambiente**. Abaetetuba University Campus (CUBT) – Edutir Abaeté, 2021.
- SERPA, A. **Cultura escolar em movimento**: diálogos possíveis. Rio de Janeiro: Rovel, 2011.
- TOZONI, M. F. de C. R. **A Pesquisa Científica em Andamento**. Botucatu - SP: UNESP, 2009.
- WALSH, C. **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.

Recebido em: 12/10/2023

Aceito em: 12/04/2024

**Para citar este texto (ABNT)**: GUIMARÃES, Joselino; OLIVEIRA, Gilvan Müller de. Educação intercultural uma perspectiva para a formação de professores na Guiné-Bissau. *Njinga & Sepé*: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA), vol.4, nº 1, p.157-166, jan.- abr. 2024.

**Para citar este texto (APA)**: Guimarães, Joselino; Oliveira, Gilvan Müller de. (jan.-abr. 2024). Educação intercultural uma perspectiva para a formação de professores na Guiné-Bissau *Njinga & Sepé*: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA), 4 (1): 157-166.

Njinga & Sepé: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape>